

Novas realidades e suas aplicações no Brasil

Andréa Margon

Conhecer novas realidades de um mesmo setor. Foi isso que ocorreu na viagem a Antuérpia (Bélgica) onde brasileiros, inclusive trabalhadores portuários capixabas, tiveram a oportunidade de ver. Segundo Demervaldo de Souza Alvarenga, diretor do Sindicato dos Estivadores ES, a viagem foi gratificante. Esta oportunidade fez parte do Acordo de Cooperação Técnica com o Centro de Treinamento Portuário de Antuérpia (APEC), capitaneado pela Secretaria de Portos da Presidência da República (SEP).

A motivo da viagem teve por objetivo foi ver como é o ensino na APEC, já que a didática utilizada por eles que é referência no ensino portuário na Europa e no mundo. Demervaldo falou que “podemos fazer alguns ajustes na maneira de treinar os trabalhadores nos portos. Estamos trabalhando uma nova proposta de didática para nossos instrutores e também um relatório para a SEP”.



Realidade local

Lá ele observou que existem cerca de nove mil trabalhadores no porto. Sendo que, somente 900 deles são avulsos. Diferente da realidade brasileira atual. Suas representações se dividem em três sindicatos – católicos, liberais e socialistas. Todos atuam em conjunto, tal qual acontece no Espírito Santo através da Intersindical da Orla Portuária.

No porto de Antuérpia, contra mestres e a maioria dos conferentes têm relação de vínculo empregatício e só requisitam avulsos para funções básicas

Terno do container:

1. Terra – um tale, dois *dockworkers* , três operadores de aranhas e um operador de trasnteiner;

2. Bordo – um *dockworker* e uma empresa para peação, quando necessário (esta equipe depende da quantidade de containers a ser apeada e não vai em todos os períodos); salário/dia 135 EUR e quando marca presença e não trabalha 100 EUR como garantia, mínima, de remuneração. As remunerações são pagas pelo empresário e pelo Governo. Os *carne drivers* têm a remuneração em uma vez e meia a mais que os *dock* .

Mas, nem tudo “são flores”. Demervaldo fala que todos os trabalhadores reclamam do desconto de 35% do salário para o Imposto de Renda (IR). Mas, se mantém no trabalho pois têm como recompensa abate do IR na prestação habitacional.

A equipe da bobina a bordo tem um contra mestre (próprio), um sinaleiro (próprio ou avulso) dois *dockworks* (normalmente avulso, mas pode ser próprio) e empiladeristas guincheiros (97% vinculados), mas ainda há alguns avulsos.

Escola

Quando entra no sistema, após o levantamento da nessecidade de pessoal, o trabalhador passa 30 dias na escola. Após isso ele tem mais três meses de experiência e, só então, se torna um dockwork que pode permanecer como avulso ou ser contratado pelos terminais ou por alguma empresa estivadora.



Depois de dois anos nesta função o trabalhador sindicalizado pode pleitear um curso de operador, que terá um custo para o terminal que o quer contratar. Feito isso após quatro anos, como bom operador e sindicalizado, ele vai fazer o curso de

carne driver para todos os guindastes, com ênfase no que tem no terminal que o está contratado. Este consiste em cinco dias de teoria, dez dias de simulador, dez dias nos equipamentos da escola e, depois, três meses com "padrinho". Depois deste processo os instrutores da escola vão até o porto e o avaliarão. Assim, conquista o certificando. Todas as etapas são eliminatórias.



Os instrutores, da escola no porto de Antuérpia, têm dedicação exclusiva. Recebem o mesmo salário da empresa, porém pago pela escola que é custeada pelos empresários e pelo governo. Ao todo na escola são 17 instrutores, uma pedagoga, um coordenador, três funcionários de manutenção e cinco administradores.



A escola é um terminal, sem berço de atracação, pois tem várias empilhadeiras de diversos tamanhos (algumas próprias e outras alugadas ou sediadas pelo terminal ao qual o aluno é contratado)
uma pedagoga um coordenador .

APEC

Fomentar a ampla capacitação e qualificação do Setor Portuário Nacional. Esse é o objetivo da Secretaria de Portos da Presidência da República (SEP/PR) ao promover um programa de treinamento de professores brasileiros, denominado "treinamento de treinadores". Isso faz parte do Acordo de Cooperação Técnica com o Centro de Treinamento Portuário de Antuérpia (APEC), onde trabalhadores portuários e instrutores participaram de 22 a 30 de abril.

O curso foi financiado, integralmente, pela SEP/PR e faz parte das ações do Fórum de Qualificação e Formação Profissional, instalado no Espírito Santo no final do ano passado.

Esses profissionais foram divididos em dois grupos – gestores em educação, que tiveram a tarefa de discutir o conjunto de cursos a serem configurados no Brasil para os trabalhadores, na sequência da ação de Cooperação; e técnicos, já envolvidos com a capacitação dos Trabalhadores Portuários Avulsos (TPAs), que serão treinados para multiplicar os conhecimentos adquiridos.